

CAPÍTULO 4

DERIVAS, LOUCURAS E COLAGENS

ONDINA PIRES

EZRA POUND E A LOUCURA

Por volta dos meus 16 anos (1977) comecei a dar os primeiros passos na música. Experiências vocais incipientes, batuques em congas, latas de bolachas, xilofones, *tupperwares* vazios e quejandos. Passei por um projeto chamado *Hullabaloo* com dois colegas do Liceu Camões, o Zé Pedro e o Fernando, que infelizmente não passou de ensaios.

Em outubro de 1983, Jorge Ferraz¹ (guitarra e voz) e Vítor Inácio (baixo e melódica) convidaram-me para fazer parte do projeto *Ezra Pound e a Loucura*, em homenagem à poesia revolta deste genial poeta americano, como baterista e cantora em alguns dos temas. A este projeto juntou-se Madalena Ghurka nas percussões. Foi a banda mais “out” em Portugal (e mesmo a um nível internacional!) em termos musicais, poéticos e estéticos, e, por causa disso, quase incompreendida no panorama provinciano português. Os *Ezra* estavam para além do alternativo, do *punk* e do *mainstream*. Mas, adiante.

Em relação aos *Ezra*, o que recordo mais vividamente, além dos ensaios e do único concerto em que participei no Instituto Superior de Economia, 1984, em que a maioria do público nos odiou porque queria *rock* quadrado, foi um papel pequenito num filme de curta duração de Vítor Inácio. Ele estava a fazer um curso de

1 Jorge Ferraz, mais tarde líder e guitarrista dos *Bye Bye Lolita Girl* e *Santa Maria Gasolina em Teu Ventre*, além de músico a solo, era amigo de Cristina Duque, conhecida no meio musical “alternativo” português como *Psico*, vocalista da futura banda *Dead Dream Factory*. Cristina fora minha colega no Liceu Camões e um dia, em 1983, pediu-me para escrever um poema como letra de um tema para a sua banda ainda sem nome. Nesse poema eu havia escrito “dead dream factory”. Ela e os outros músicos gostaram tanto dessa pequena expressão que a utilizaram como seu nome de batismo. Esta banda concorreu à primeira sessão do concurso *Rock Rendez-Vous* e fazem parte da primeira compilação de grupos editada pela *Dansa do Som*. Foi por intermédio dela que conheci Jorge Ferraz.

realização e produção em Cinema e tinha de apresentar um trabalho final. Para isso, pediu a colaboração do Jorge e a minha.

No dia aprazado para a filmagem, onde eu entraria sem saber sequer o que é que ia fazer, apresentei-me. O Vítor entregou uma garrafa grande cheia de água ao Jorge e ordenou:

– Vá, Ondina! Abre a boca! Tu, Jorge, agarra-lhe na cabeça e despeja-lhe a água pela boca! Depressa! Estou a filmar. Ação!

Assim aconteceu, só sei que me engasguei até às lágrimas, mas não foi preciso repetir a cena porque o efeito-surpresa deu azo a uma filmagem espontânea e surreal.

POP DELL' ARTE

Ao recordar e reescrever as memórias anedóticas de duas das bandas fora do *rock* e do *pop* convencional em Portugal, *Pop Dell' Arte* e *The Great Lesbian Show*, outras memórias despontaram, essas nada anedóticas - o esforço quase sobre-humano para tornar real uma “movida contracultural”, um idealismo que só saiu da bolsa, a exploração dos músicos em muitos locais, ressarcidos com *cachets* miseráveis, acartar com os instrumentos musicais de um lado para o outro em transportes públicos ou em carros de alguns amigos solícitos, começar a tocar a desoras e o desinteresse preguiçoso da maioria dos públicos em relação a diferentes correntes musicais. O resto será inferido pelo leitor.

Entre as diferentes histórias anedóticas que recordo no tempo em que estive nos *Pop Dell'Arte* saliento uma que demonstra bem o desconhecimento quase preconceituoso que existia entre os grupos musicais e as diferentes tribos dessa época (meados de 1980).

O ENSAIO

Fevereiro de 1985. Um dos locais onde o grupo ensaiava ficava entre Moscovide e Olivais. Chegávamos lá de autocarro e depois andávamos um bocadinho. Era um estúdio claustrofóbico, pois se dessemos um salto bateríamos com a cabeça no teto. Havia uma bateria a cair de podre, mas que remediava, uns amplificadores em estado comatoso que também tinham de remediar. O Zé Pedro e o Sapo levavam as suas guitarras e o baixo, e eu levava as baquetas. O João Peste não levava nada porque tinha o microfone no local de ensaio. Pagava-se à hora, o que era normal nos pouquíssimos estúdios onde se podia ensaiar. Por exemplo, havia a *Senófila*, perto do Conde Redondo, e o *Estúdio Som* na rua Paiva Couceiro. Com certeza que existiria mais um ou outro na área da grande Lisboa. Nestes últimos dois estúdios os futuros *The Great Lesbian Show* iriam ensaiar em início de banda.

O pequeno estúdio dos Olivais era gerido por um pai de família simpático e pelos seus filhos. Às vezes, quando chegávamos, eles estavam a fumar um charrito. Várias bandas de Lisboa por lá ensaiaram como os *Ezra Pound* e a *Loucura*, e outras.

Houve uma vez em que um rapaz com visual exuberante *punk* nos pediu autorização para ver o nosso ensaio. Provavelmente era um elemento dos *Kú de Judas*. Porém, nunca vim a saber.² Dissemos que sim ao moço, que assistisse pois. Ele sentou-se a um canto e, de facto, assistiu a um ensaio cheio de entusiasmo anárquico e a um repertório muito idiossincrático: laivos de *free jazz*, *punk*, experimentalismos vocálicos e acústicos, poemas fonéticos, contra-ritmos, etc.

Quando terminámos o ensaio aquele moço *punk* levantou-se muito impressionado e com um tom de voz grave confessou que não tinha percebido nada da nossa música, que erámos loucos. Como é que fazíamos aquela música se não tínhamos visual *punk* da “carti-

2 Nos anos 1980 havia uma espécie de bairrismo parolo entre as várias tribos da cena “alternativa” portuguesa. Se alguém não usasse as mesmas roupas e acessórios e não ouvisse determinados grupos é porque era “carea”. As pessoas mal se falavam, e foi com alguma dificuldade que o pessoal da música da grande Lisboa conheceu o pessoal do grande Porto e de Viseu e vice-versa. A compilação *Divergências*, lançada em maio de 1986, tem a virtude de congregar tipos de música diferentes, com músicos de diferentes zonas de Portugal e que acabaram por se tornar o “público das bandas” *mutatis mutandis*.

lha 1984” que, entretanto, se tinha transformado em lugar-comum?

Nota informativa

Primeira formação: entre finais de novembro de 1984 e janeiro de 1985: Paulo Salgado (guitarra), Ondina Pires (bateria e voz), Zé Pedro Moura (baixo) e João Peste (voz).

Segunda formação comigo, início de fevereiro de 1985 até maio de 1986, altura em que saí do grupo: Zé Pedro Moura, João Peste, Ondina Pires, Pedro “Sapo” devido ao seu fervor juvenil pelo sapo Kermit dos Marretas (guitarra e percussões), Pedro Mourão (percussões), ocasionalmente, Luís Saraiva da banda Jovem Guarda, mais conhecido pelo nome de guerra, “Licas”, (percussões).

THE GREAT LESBIAN SHOW

As peripécias dos *Lesbian* foram escritas em tempo real, em vários cadernos e bloco-notas. E ainda bem que o foram porque são terreno propício à reflexão sobre a história oculta dos bastidores da música moderna portuguesa. Começemos por este poema-tributo:

The Great Lesbian Show
Vamos embora para Fátima
ouvir o milagre das pedras
atirado contra os corpos
descrentes das crianças.

Calçamos botas da tropa,
guitarras a tiracolo,
disparos de som, acordes
aleatórios, danças ensaiadas
com cintos de picos e rendas
de cabaret. Vamos embora,
antes que se faça tarde
para de novo agitarmos
os cadáveres da memória.

Estamos tão velhos. E,
no entanto, tão milagrosa-
mente adolescentes. Vamos
para Fátima dar corda

aos gatos, partir ao meio
os altares do poder, mesmo
sabendo quão podres estão
já as madeiras desse altar
e nós, como elas, arruinados.

Poema de **Henrique Fialho** publicado no seu *blog*
Insónia, Leiria, 18 de março de 2007

FESTIVAL DA JUVENTUDE, BEJA

20 de junho de 1998

It's only rock'n'roll but I like it, like it, yes, I do!

The Rolling Stones

Depois de mil e uma vicissitudes a nível da viagem, e do calor abrasivo que se fazia sentir de Lisboa a Beja, lá conseguimos chegar àquela linda cidade (15h00). O *sound check* começou tardíssimo e, para não variar, foi uma grande seca. Os elementos das outras bandas, bem como pessoal local, deambulavam pelo recinto meios grogues do calor estival típico daquela zona – ubérrimos almargeais de águas e cervejas jorravam a cada canto na vã esperança de matar a sede.

Jantou-se numa refundida casa de pasto cujo nome era “O Alinho” (22h00). A dona, senhora rechonchuda e simpática, atendeu muito bem o pessoal. No fim do repasto dirigimo-nos para o recinto dos concertos. Primeiro, decorreu uma passagem de modelos muito pobrezinha. Amadorismo e carolice à mistura, algo que infelizmente tem sido uma constante dos eventos ditos alternativos no nosso Portugal dos Pequenitos. Também se não fosse a carolice nada de alternativo, absolutamente nada, aconteceria por cá.

Às 24h30, *Us Forretas Ocultos*, uma grande banda de Alcobaça, começou a tocar. Eles são muito competentes a nível técnico e têm temas muito *groovy*, com letras muito engraçadas. A seguir aos *UFO* lá fomos nós para o palco. Tanto eu como o César Zembla, o meu co-vocalista, decidimos correr de um lado para o outro a fim de aliviar a adrenalina que nos estava a pôr nervosos. Entretanto, as guitarras tiveram problemas técnicos. Não havia som de retorno, a tarola da bateria foi para o “galheiro”, eu não ouvia o que o César cantava e vice-versa, ou seja, o nosso concerto começou azarado, fenómeno este que aconteceu inúmeras ve-

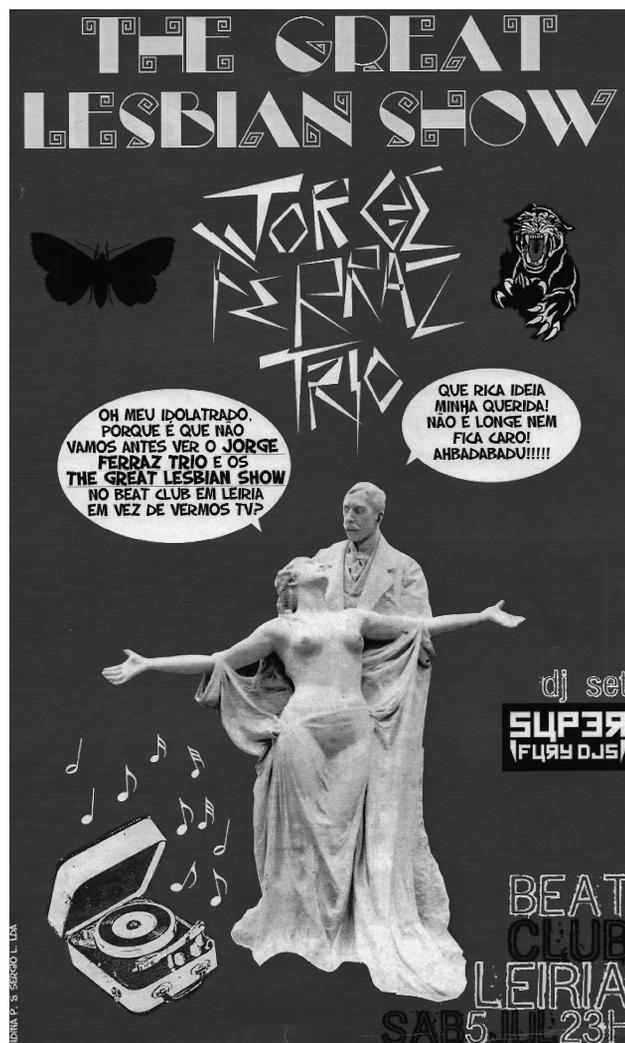


Figura 4: The Great Lesbian Show em Leiria.

Coleção de Ondina Pires

zes. Isto é o que faz não ter dinheiro para se contratar um técnico de som competente e que pudesse andar com a banda de um lado para o outro. Também com os *cachets* de treta que a nossa banda (e outras bandas portuguesas!) consegue ganhar, nem para comprar um bom amplificador eles chegam. Por fim, lá se arancou com o *On the way to Fátima* bem esgalhado e a “coisa” compôs-se até ao fim.

Relativamente ao público, este mandava bocas ou exultava emitindo uivos. Alguns rapazes lamentaram que eu fosse “lésbica” (quando não o sou, eheheh...), o César viu-se rodeado de *groupies* e o nosso novo baterista, o Sérgio “Lourenço Marques” viu-se a braços com uma mocetona do público, de nome Sara “Spartaca”, que estava bem bebida e o perseguiu qual *Circe* das planícies alentejanas. O Sérgio também estava bem bebido. Entretanto já os *More República Maçônica* se atiravam em largos voos sónicos.

A seguir aos concertos, músicos e público dispersaram em busca de ubérrimos mananciais de cervejola. A tal “Spartaca”, perdida de amores pelo Sérgio e arrastando-se podre de bêbada, perseguiu-o até ao WC masculino num bar chamado *Bar-Discoteca Via Férrea*. Atracou-se ao nosso valente baterista e deu-lhe um beijo na boca enquanto um moço do culturismo e uns outros rapazes ali presentes assobiavam de júbilo perante tal “sedução-fatal” (esta parte foi-nos contada pelo Stéphane Alberto da banda *Canal Caveira*).

Mas os disparates não ficaram por aqui. Nesse mesmo bar, o DJ não pôs discos de música *rock* desculpando-se “que não havia amplificador”. O António Manzarra, guitarrista dos *UFO*, e futuro guitarrista dos *Lesbian*, abespinhado com a reação do DJ exigiu o livro de reclamações mas o dono do bar recusou-se a apresentá-lo. Tal facto ainda irritou mais o António. Este evocou um certo *Decreto-Lei n.º 137*, ou coisa que o valha, perante a recusa. De nada adiantou. Só lhe restou beber mais umas “jolas” na companhia do pessoal das bandas. Era já quase madrugada quando todos se recolheram à Residencial. As ruas cheiravam a hortelã fresca, as andorinhas berravam nos ares (e alguns dos elementos dos *More República* também!) e deslocavam-se a mil à hora, o sol espreguiçava-se nas vastas planícies e ninguém pregou olho. Em suma, foi uma “noite de S. João”.

Nota: Conversa presenciada por um dos amigos da banda, nessa noite de *Walpurgis*, entre a dita-cuja Sara “Spartaca” e as amigas:

Amigas: – Ó Sara, tu pareces uma vaca atrás dos rapazes!

Sara, em alta voz: – E SOU!! SOU UMA VACA! SOU UMA GRANDE VACA!

Quem é que precisa de inimigas com amigas assim!?

CONCERTO EM TONDELA, VISEU

23 de junho de 2001

Ensaio em Alcoabaça. Na noite anterior, 22 de junho, breve passagem no *Galeria Bar*, onde se dançou depois do António Manzarra ter conquistado o lugar cimeiro de DJ de serviço: *Man or Astroman?*, *Beastie Boys*, *Cypress Hill*, etc.

Nesse bar informal ouvimos a seguinte declaração de *Tó Trips* em relação a uma bebida suspeita (mistela

enigmática de sumo Compal e anis, e sabe-se lá que mais) que alguém lhe queria impingir:

– Não posso beber isso porque o meu estômago não aguenta. É melhor beber Vodka.

O concerto de Tondela foi englobado em atividades culturais da terra, em particular “cinema de autor”. Para o efeito, o Sérgio vestiu um vestido de sua mãe (anos 1970) com desenhos de cavalinhos, o Armando também levou umas roupagens mirabolantes, tipo chulo, e o Nuno Maltez parecia um prostituto de Nova Iorque. Eu vesti um fato maoista de ganga pois andava na minha fase chinesa. Só o César é que estava neutro. Demasiado neutro... hmmm.

À noite, o recinto encontrava-se pejado de público expectante. Começámos a tocar e tudo estava a correr bem quando de repente uma corda da guitarra se partiu. Foi embaraçoso. Contudo, e para fazer jus à máxima “The show must go on!”, desatei numa prédica em pseudo-mandarim. O Sérgio acompanhou-me batucando na bateria e o César ria-se baixinho enquanto andava de um lado para o outro no palco. O Nuno e o Armando afadigavam-se no conserto da guitarra e não havia meio de continuarmos com o alinhamento dos temas musicais.

Depois de cerca de 15 minutos de arengada “chinesa” e de solos de bateria dignos de um Art Blakey *hard core*, vimos umas pessoas a fugir do recinto. E não parando com o palavrório fonético pedi o seguinte:

– *Chau min choy chié embola*, ih!ih!ih!... (Por favor, não se vão embora, ih!ih!ih!...)

Esse grupo de pessoas esboçou um sorriso amarelo maoista e acenou um adeus. E lá se escapuliram. Nem sabem o que perderam. O resto do nosso concerto foi *supimpas!*

FESTIVAL ALCOA, ALCOBAÇA

7 de setembro de 2001

Bandas presentes: *Dr. Frankenstein*, *The Great Lesbian Show*, *Lulu Blind*, *Man or Astroman?* (banda norte-americana), *Balla*, *The Soul*, *Gallycows* (banda espanhola).

Alinhamento dos *Lesbian* com anotações preciosas quais pérolas de sabedoria Indo-Portuguesa:

1. *On the way to Fátima*
2. *Arapahoa*



Figura 5: *The Great Lesbian Show*. Primeira formação – 1992. Carlos, Rui, Ondina, César e Armando. Fotografia de Nuno Tudela. Coleção de Ondina Pires

3. *Pipi Longstrum goes to LA*
 4. *The Night I made love with a gun*
 5. *Disco Lesbian*
 6. *Je t'aime, moi non plus* (versão libertária do tema de Serge Gainsbourg e interpretado por Jane Birkin) – vocalizações jazzísticas; o Sérgio, escondido atrás da bateria, faz vozinha de melga; diálogo entre mim e o César sobre alienígenas – utilização abusiva de vocalizações imitando desenhos animados do *Woodpecker Show*, *Arriba, arriba!* *Speedy Gonzalez*, *Ehhh, What's up doc?*, *the Mightor Maaaaannnn*, *Marianita*, a mulher mais pequenita de Portugal, o *Poço da Mooorte* com *Joselito* e *Marisol*, imitações dos sons de motocicleta.
 7. *Star*
 8. *Honeymoon in Venice*
 9. *Walk like a whore*
 10. *Hurricane Fighter Plane* (versão do tema dos *Stardells*, banda garage dos anos 1960)
 11. *I wanna be your dog* (versão meio cabo-verdiana do tema dos *Stooges*)
 12. *Lethal skates*
 13. *Jungle jazz*
- Além de muitas coisas disparatadas ditas no palco, tais

como “Ai cariño que me estoy a divertir pipas!”; “Ai cariño que estás tan rara!”; “No te pongas com malos hábitos!”; “Marxismus-Leninismus-Narcisismuuus!”, etc e tal.

À hora do *sound check* das bandas andava o bom do António Manzarra, na qualidade de um dos organizadores do Festival, a empurrar bilhas de cerveja. É este o charme indiscreto da burguesia *rockeira* portuguesa. Às 19h00 fizemos o nosso *sound check*. Como primitivos que somos, os *Lesbian*, claro, tivemos problemas com as cassetes nas quais estavam gravados o tema de introdução do nosso espetáculo e sons a utilizar nos vários temas.

Jantou-se no restaurante da *Residencial Corações Unidos*. Entre os músicos estavam os amigos das bandas. Um deles era o Fred, do Montijo, que fazia anos nesse dia. Os circunstantes decidiram cantar os parabéns ao rapaz cerca de sete vezes, facto, este, que pôs o nosso amigo mais vermelho do que um tomate. Em relação aos *Lesbian*, o César estava adoentado e o Armando estava murcho. O nosso concerto não foi dos melhores, mas cada um fez o que pôde, o melhor possível. No final do tema *On the way to Fátima* meti-me atrás do Armando e quando ia a girar sobre os calcanhares,



Figura 6: Nuno, Ondina e César nos bastidores do Festival Alcoa em Alcobça – setembro 2001. Fotografia de João Gralha. Coleção de Ondina Pires

naquela confusão de fios, tropecei, marrei com toda a força com uma perna na peanha de madeira onde estava colocado o teclado da Filipa (*Dr. Frankenstein*). O teclado caiu acertando-me em cheio no lado esquerdo do meu rosto. Vi estrelas, mas a minha preocupação era o bendito teclado não fosse ele estragar-se. Não teria dinheiro para o pagar. Terminei a minha “atrocidade exhibition” incoerente e a balbuciar: “Já fiz porcaria... já fiz porcaria...”. O mais bizarro é que junto ao palco houve uma quantidade de pessoas do público que torceram um pé e caíram num buraco no chão do recinto. Um deles foi o simpático fotógrafo de Castelo Branco, o Nuno Valente. Este “buraco negro” deve ter sido influenciado pelos “astronautas” da banda *Man or Astroman?* que deram um concerto do caraças.

SEGUNDO DIA DO FESTIVAL ALCOA

8 de setembro de 2001

Novo jantar nos *Corações Unidos* e conversa surrealista à mesa, na zona onde me encontrava. O pessoal das bandas, os amigos das bandas, uns de Lisboa, outros do Porto, outros de Alcobça e outros da Póvoa de Varzim:

– Então o que acham da política dos “patos-bravos” em relação às urbanizações portuguesas?

– Ah! É uma cambada! Besuntam as mãos dos autarcas corruptos e erguem prédios tipo caixotes, bla... bla....

– Claro! E isso faz lembrar uma história infantil... bla...bla... O lobo fartou-se a “assoprar” e a casa construída pelo pato-bravo caiu como um castelo de cartas...bla...bla...

– Pois, porque os porcos eram muitos...

A partir daí, a conversa descambou numa bela confusão de alto teor polinsaturado DADA. De regresso a Lisboa em camioneta expresso fui “galardoada” com um grupo de pulgas que me sugou o sangue e me pôs a pele em estado comatoso de infeção. Eis o *rock’n’roll* em toda a sua glória.

O PRIMEIRO CONCERTO EM RIO MAIOR

Bar Fonte Velha – 1997

Chegámos às 20h23 a Rio Maior. Tínhamos fome e queríamos saber onde estava o *Bar Fonte Velha*. A rapaziada das bandas está sempre com fome. É a força da juventude, senhores!

Fomos enganados por um escuteiro perverso quando

lhe pedimos para nos indicar a rua onde ficava o dito bar. Andámos, à toa, durante um bom pedaço e quando finalmente entrámos no bar este tinha um aspeto limpo e arejado. Depois de se descarregar a tralha toda para fazermos o *sound check* começou a grande discussão acerca dos temas a tocar:

- O *Bali* não! É muito *arty*!
- Este povo quer é *rock*!
- Então vamos dar com o *Arapahoa* - diz o Armando e desata-se a rir que nem um louco.

O Sérgio está encantado com a decoração do bar:

- É lindooooo!!
- Tens aí o *jack*? - pergunta o Calinho.
- Sei lá do *jack*! - responde o Armando.

O *sound check* não arranca e estou a ver o jantar mal parado. Só às 23h15 é que experimentámos o som que ficou uma bela bosta. A fome era tanta que comecei a ver os meus companheiros transformados em belos frangos de churrasco, acompanhados de batatinhas fritas.

A última ceia

Finalmente no restaurante. Sentados na mesma grande mesa estão uns moços com visual afrikalhado. São os elementos da banda *Monsterpiece*. Dentro do restaurante está um calor infernal. O César comenta:

- A Ondina está a escrever um relato ao pormenor desde que saímos de Paço d'Arcos.

Para me refrescar, aspergi mal um perfume que tinha num frasquito. O César e o Sérgio levaram em cheio com a porcaria do perfume. Acabámos o repasto com sabor a perfume. Não havia mais arroz ou peixe. O empregado de mesa atende-nos com ar de grande frete e entredentes murmura o seguinte:

- Estes gajos do *rock* só vêm p'ráqui chatear... cambada de drogados!

Vemos passar travessas com restos de carne carbonizada. Tudo muito suspeito. Também não nos entendemos com a outra banda e vice-versa. De súbito, quase toda a gente desatou a cantar parabéns e a dar pancadas nas mesas. O dono do restaurante perguntou ao César se ele estava feliz, ao que este retorquiu:

- Feliz? Onde? No mundo? E o que é estar feliz? E o que é ser feliz?

O pobre senhor desistiu de mais perguntas filosóficas e começou a falar espanhol, não se sabe bem porquê. Os elementos dos *Monsterpiece* começaram a cantar o

hino *Avante Camarada*, também não compreendemos porquê.

Durante o nosso concerto a munição foi à vida e o *re-verb* idem, idem. O som era uma bela argamassa baça e cacofónica. O baixo do Calinho pifou. Terminámos a cantar *I wanna be your dog*, versão cabo-verdiana crioula, perante um público catatónico.

SANTIAGO ALQUIMISTA

29 de dezembro de 2003

Neste concerto há a destacar o belo conjunto de recortes com notícias escabrosas e fotos de senhoras desnudas que o César espalhou no seu casaco, pregando-os com alfinetes-de-ama, tudo muito ao sabor da atitude *punk*. No palco, a certa altura, ele rodopiou e os recortes desprenderam-se do casaco e voaram por todo o lado.

Num dos temas dos *Lesbian* havia um diálogo muito *sui generis* que ilustra bem a filosofia brincalhona e desconstrutivista do grupo:

César: - Olá! Onde vais?

Ondina: - Olá! Vou às compras.

César: - O que vais comprar?

Ondina: - Uma esfregona, um quilo de torresmos e uma garrafa de lixívia. E tu?

César: - Está tudo muito caro. Vou declarar o IRS.

Ondina: - Então, adeus. Até à vista.

Na assistência estavam *Peaches* e *Dita Von Teese* que Ana Farinha aka *Candy Diaz* aka *Corinne Dumas* na sua qualidade de “relações públicas” dos *Lesbian* convidou para assistirem ao nosso concerto. As lambisgoias assistiram ao nosso concerto de “borliú” e no fim nem um *adeus-sayonara-goodbye-au revoir-obrigadinhos* ao pessoal.

BAR SATORI 666, LOULÉ

1 de Dezembro de 2001

O César e eu vamos de lanche preparado caso haja algum contratempo como se tornou costume sempre que vamos atuar. Continuo na minha saga empreendedora de cronista da banda e assim vou alinhavando estes dizeres. Pelo caminho, conjeturamos as coisas mais estapafúrdias acerca do bar *Satori 666*. Tarde fria



Figura 7: The Great Lesbian Show em Loulé. Satori 666 – 2001
Coleção de Ondina Pires

mas luminosa nas cercanias de Loulé. Nesta cidade algarvia vimos um castelo com um Pai Natal gigante a escalar uma torre. Muito *kitschy*...

O tal bar *Satori 666* fica fora da cidade e é pertença de um francês, de nome Pascal, que já está à nossa espera, assim como o pessoal dos *Les Baton Rouge*. Chega também a banda do Kaló (ex-*Tédio Boys* e ex-*77 Revolution Rock*, de Coimbra), os *Bunnyranch*. Estava programada ainda uma banda espanhola de nome *Barley Juice* que desistiu de aparecer (nem eles sabem como fizeram bem em desistir!).

À medida que caminhamos, vemos o edifício do bar. O exterior, à luz do crepúsculo, é sombrio e ameaçador, com o pátio cheio de lixo e sofás velhos. O César diz que vamos para um local de sacrifícios humanos e de rituais satânicos, o que como iremos constatar não fica longe da realidade. Eu acrescento que esse bar é um local estilo filme *Texas Chainsaw Massacre*.

O interior do *Satori* é espaçoso e revela que outrora foi um lagar. A grande salamandra alimentada a lenha dá um ar acolhedor. Também é a única coisa com calor genuíno naquele antro cheio de más vibrações. No

palco, encostado a uma parede está um grande caixão, ao lado vemos troncos de manequins decapitados e na parede um enorme pano com o nome do bar inscrito por debaixo de um triângulo com um olho e o número 666. Mau augúrio. Para dar o toque final de terror camp meia dúzia de morcegos de cartolina nas paredes.

18h30 – Ainda ninguém fez *sound check*. Pergunto ao dono Pascal quanto tempo dispõe cada banda para tocar. Responde que não sabe. Pergunto também se não há *flyers* a anunciarem os concertos (gosto de colecionar memorabilia dos eventos musicais para depois colar nos diários gráficos). Resposta do “monsieur”:
– Ah, non! Non é ecológico!!

Ecologique, my ass... Logo a seguir reparei que ele lançava olhares lúbricos ao pessoal feminino, em particular à Carla “Suspiria Franklin”, dos *Les Baton Rouge*, apesar da esposa e da “bambina” de seis anos estarem presentes junto dele. Nos entretantos chega o *Estrunfe*, nome de guerra do pretense técnico de som. É um chavalito catita que não percebe um chavo das particularidades sonoras de cada banda.

Mega *sound check* (duas horas!) dos *Les Baton Rouge*. Como o pessoal dos *Lesbian* está com os pés e as pernas geladas decide jogar à “apanhada”, à “cabra-cega”, “ao lenço” e demais jogos infantis. Deu resultado. Ficámos quentinhos, mas com uma larica dos diabos. Os rapazes de Coimbra olhavam para nós mas não se juntaram aos jogos.

22h00 – “Jantar”, sim, jantar entre aspas, na cozinha do bar. A mesa está pronta. E que mesa! Num grande tacho há um esparguete supostamente “à bolonhesa”. Uma vez no prato chega-se à conclusão que aquilo é uma coisa vermelha, fria e seca. Indescritível e abjeta. Há mais dois *tupperwares* com folhas de alface e bocados de tomate. Também podemos observar uns pedacitos de fiambre de 1385. Há ainda batatas fritas *Pala-Pala* e maçãs verdes dentro de sacos de plástico... verde! O pão é duro como o raio. O *franciú* assoma à porta da cozinha e cinicamente diz: – *Bon apétit!* Nem nos virámos, nem nos dignámos a responder. O jantar é deveras mau. Nem aos animais se dá aquilo. É passível de se perguntar:

– Se era assim tão mau porque é que não foram de carro jantar à cidade de Loulé?

Impossível. Os nossos carros estacionados no pátio estavam barrados pelos outros veículos das bandas. As

provações dessa fatídica noite mal tinham começado.

A EXPOSIÇÃO DO PASCAL

A tremelicar de frio e de fome regressámos ao bar. O Pascal disse para irmos ver a sua exposição no andar de cima. Contrariados lá fomos. O que é que era a exposição? Um amontoado de colagens e pedaços de brinquedos expostos nas paredes, tudo muito mal-amanhado, descontextualizado e *dejá-vu*. Havia uma ou outra ideia interessante, mas mal concretizada. O cúmulo do egocentrismo e da malandrice azeiteira do *franciú* deu-se quando perante uma colagem pornográfica chamou a Carla e a Ana (Candy Diaz, a ex-baterista dos *Les Baton Rouge*) e lhes perguntou onde é que ele estava representado, como se fossem à procura do *Wally*. Elas inspecionaram a colagem com cuidado e chegaram à conclusão que não o encontravam. Puderam! O que o descarado havia colado fora o retrato do seu “membro viril” escarranchado numa donzela qualquer.

Mas há mais...

Como o público ainda estava a entrar aos bochechos, os elementos das bandas estavam meio deitados nos sofás do andar de cima, o da exposição, à espera da hora de começar os concertos. Chega a mulher e a filhita do Pascal. Sem pedir com licença, ele trata de apagar as luzes, de enxotar-nos dos sofás e grosseiramente arranca uma mantita das costas da Ana, colocando-a sobre a “bambina”. No seu *franciú*-aportuguesado e afetado exclama:

– ‘qui a minina tem quê dormirr!

Ficámos sem pinga de sangue. Enregelados, esfomeados, desalojados e humilhados.

01h00 (2 de Dezembro) – A banda do Kaló arranca corações e emoções. A turbamulta do público exulta. O Kaló toca bateria de pé, ao mesmo tempo que canta. O organista, o guitarrista e o baixista acompanham o seu entusiasmo. Os temas estilo *garage* são muito bons. Não gosto tanto dos temas *rhythm & blues*.

A um canto do bar, a Ana e a Carla tiritam de frio porque estão com vestidos sexy, mas desnudos.

02h15 – Em fúria total, os *Lesbian* vão para o palco. Não demos hipótese ao público arisco de nos sabotar ou assobiar. Foi sempre a bombar. O César estava possesso e quase se desmantelou no palco. Foi o nosso

melhor concerto de 2001. O próprio Kaló diria mais tarde que dos vários concertos que tinha assistido nesse ano, o nosso estava entre os melhores. No final, eu senti-me mal do coração (fominha!), o Nuno estava triste porque sentiu hostilidade do público e o som de retorno não existiu, o Armando e o Sérgio suavam às estopinhas e o César lançava perturbantes olhares de imperador romano vitorioso. *Ave Caesar!*

Se o Nuno achou que o público presente tinha um ar agressivo, mas mesmo assim ficou quedinho e respeitoso perante a nossa “fúria de viver”, quando os *Les Baton Rouge* foram para o palco foi o fim da picada.

LES BATON ROUGE

Os BR tiveram muito azar. O som estava mesmo mau. O *Estrunfe*, que momentos antes ficara maravilhado com os meus gritos de mulher berbere à beira de uma crise de nervos, conseguiu a proeza de piorar a qualidade do som. Mal a banda começou a tocar, um tal de Ramon que estava na assistência, um fandangueiro histriónico (mais tarde alguém me contou que ele pertencia a uma banda de *rockabilly* de nome *Garfield*, como o gato) e que se dizia amigo dos BR, destratou os elementos do grupo, em especial a Carla, atirando-lhe com cerveja. Foi seguido pelo seu séquito. Viam-se copos de cerveja e cigarros incandescentes voarem para o palco. As raparigas, amigas do dito Ramon, baliram afrontas. Cá para mim era inveja porque as moças dos BR têm muita pinta, são inteligentes e bonitas. Cheguei a ouvir uma dessas raparigas do público proferir em relação à Carla:

– Aiii! É uma rapariga muito sensível!

Os BR tiveram de parar várias vezes o concerto e a Carla deu algumas prédicas pedagógicas sobre cidadania perante o ar gozão do público. Nem no *Rock Rendez-Vous* eu havia assistido a tanta afronta a uma banda. Por fim, os BR lá conseguiram finalizar o concerto.

04h15 – Despedimo-nos dos amigos e despedimo-nos “à francesa” do carcamanjo do dono daquele funesto bar. Regressámos a Lisboa, extenuados e depenados. *Cachet*, uma pinóia! Népias.

Nota: Os aquartelamentos que esse Pascal tinha para “oferecer” aos músicos eram uns cubículos com colchões sujos, diretamente colocados no chão frio. Só

faltavam as grilhetas penduradas nas paredes. Nem privacidade, nem conforto, nem casas de banho decentes.

ALCOBAÇA, BAR BEN

3 de março de 1995

Partida atrasada de Paço d'Arcos. Paragem surreal numa estação de serviço: cafés a mais e a menos, muitas bolachas, Calinho furioso com o atendimento de uma apoplética empregada de mesa. Um *grand-tour* por terras de oeste com nomes pitorescos, entre frondosas veredas e curvas pouco con-sensuais.

Alcobaça. O *Bar Ben* está situado junto a um rio maviOSO e ruidoso. Se formos à casa de banho do Bar podemos urinar melhor devido à imagética aquosa.

Uma vez entrados vimos e ouvimos a banda *Dead Souls* a fazer o *sound check*. Quatro gatos-pingadas assistiam aos trinados pungentes e pujantes. Quando chegou a nossa vez, técnico de som, *nickles!* O nosso baterista, Rui Ribeiro, desatinou com a bateria que lá estava e foi mexericar nos botões dos amplificadores e no monitor do som na vã tentativa de fazer de técnico de som. Quanto às vozes, estas ficaram obliteradas à partida. É assim que se dá cabo da saúde das cordas vocais.

Parco jantar num café da cidade.

23h30 - Os *Dead Soul* regurgitavam palavras como “cerimónias” e “morte” em todo o seu esplendor decadente. Até gostámos da música com laivos psicadélicos. Porém, as letras das canções teimavam na tecla do urbano-depressivo. O que foi uma pena.

No intervalo entre os *Dead Soul* e os *Lesbian*, o César e eu dissertamos acerca do riacho perto do *Bar Ben*, dos “urinúvios” melodiosos e da minha primeira experiência musical a sério que havia sido os *Ezra Pound e Loucura*. Não demos pela nossa entoação convicta e altissonante que assustou um rapazinho sentado a uma mesa perto de nós e que fugiu espavorido, talvez pensando que éramos anarquistas-bombistas.

Chegou a nossa vez de tocar. Encomendámos as nossas almas ao Criador, cogitando na possibilidade de levarmos com ovos e tomates podres.

Pois bem. Foi precisamente o contrário. Apesar do som mau, o público presente foi maravilhoso. Até pediu encores! Escolhemos o *Star* e o *Bruce-lose* em ho-

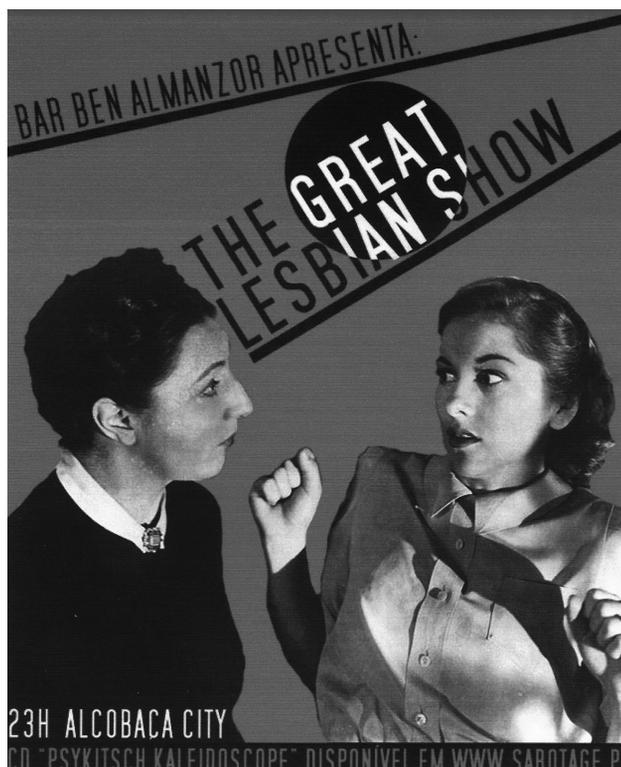


Figura 8: *The Great Lesbian Show* em Alcobaça. *Bar Ben*
Coleção de Ondina Pires

menagem a um dos meus heróis - *Bruce Lee*. Alguns moçoilos vieram pedir autógrafos. Entre eles estava pessoal de *Us Forretas Ocultos*, que nós ainda não conhecíamos.

A nota cómica foi dada por dois “cromos” - um homem muito baixinho e branquela e o seu amigo, um homem negro e grandalhão, provavelmente um cabo-verdiano - que muito bêbados por ali saltitavam e se colavam a nós, e que levaram (sem querer!) uma valentes caroladas e patadas quando estávamos a tocar o *Bruce-lose* e eu estava a imitar os passos de kung-fu do meu herói. Não se zangaram. Eram uns “melgas” queridos.

FESTIVAL TOC'ABRIR. JOHNNY GUITAR, LISBOA

Maio de 1996. A grande final

19h40 - Esta escriba ao serviço da memória futura (depauperada das avaliações aos seus queridos alunos, *noblesse oblige...*) chega às escadas sobranceiras que descem às catacumbas da música moderna portuguesa, o bar *Johnny Guitar*.

Destas escadas desprendem-se emanações nada lísergicas de urinas requentadas e peixe putrefacto. E

contra putrefactos não há argumentos. Sentados num dos degraus estão o Calinho e o Armando, com um ar bestialmente chateado.

Ladeando os outros degraus, quais cariátides ditirâmicas, encontram-se mancebos e algumas mancebas da tribo *heavy-metal* emitindo jubilosos palavrões festivos. Eis que chega o César, também ele depauperado das avaliações aos seus quejandos e queridos alunos. Vida de *professores-rockeiros*. Hélas! Falta chegar o novo baterista, o Hélder³. Fomos jantar ali perto umas meias-doses de vitela com “champinhões”. Vêm ter connosco vários amigos e amigas, entre eles o Nuno Tudela que fez os *vídeo-clips* para os *Mão Morta* e fez o *vídeo-clip* do nosso tema “On the way to Fátima”, o qual teve menção honrosa no *Blitz*. Esses amigos também traziam outros amigos, tipo antigo anúncio do *Porto Sandeman*.

22h00 – Chegam mais amigos ao *Johnny Guitar*, assim como VIPs: a fotógrafa do *Blitz*, Rita do Carmo, o crítico de música do mesmo jornal, Miguel Cadete e mais uma “chuva de estrelas” do meio musical alternativo.

Dentro da catacumba ecoam estertores de *grind-core*, pústulas musicais infetadas de testosterona máxima entre vivas e apupos dos irrequietos nativos que constituem a assistência. O júri permanece no silêncio mortal dos deuses.

Não houve *sound check*. O Armando está em palpos de aranha porque sem coordenadas sonoras não pode haver um bom concerto. A minha amiga Ângela Matos retoca-me a peruca e a maquilhagem.

22h40 – Os *Lesbian*. Depois do nosso tema-intro “O Príncipe dos Pepinos”, uma linda história infantil brasileira, dos anos 1960, a banda toca o *Star* que é para esgalhar e aquecer o âmago. Uma tremenda barafunda sonora. De repente o som fica melhor. A seguir, e com afoiteza, o César espremeu o gargomilo no nosso *I Spy*. Tem desenhos de letras japonesas no tronco nu que eu lhe havia pintado previamente dentro do WC malcheiroso do restaurante onde tínhamos jantado. O palco é um estrado de madeira. Pois.

Estreámos dois temas novos. Um deles, *The night I made love to a gun*, fala de detetives privados, clubes de *strip-tease* xunga, problemas de tabagismo e de uri-

nóis onde se podem apanhar doenças venéreas tais como uma bala na próstata. O nosso espetáculo foi dedicado à “encefalopatia espongiiforme” (esta expressão dá-nos um grande gozo fonético quando dita depressa e repetidamente, e refere-se à “doença das vacas loucas”). O público estava comovido até às lágrimas amargas de *Petra Von Kant*. O bom do Hélder, banhado em suores frios, mal acabou o nosso concerto debandou com a sua capitosa e gótica namorada.

Não percam os próximos episódios:

“O regresso da encefalopatia espongiiforme, parte II”

“A vingança da encefalopatia espongiiforme”

“O filho da encefalopatia espongiiforme” – a sequela.

LOTUS BAR, CASCAIS.

31 de outubro de 2004

Noite das bruxas ou noite do noise-a-bundo

18h30 – Nunca tínhamos visto e sentido um chão de bar tão porco. Ao caminharmos as solas dos sapatos colavam-se produzindo aquele som áspero e desagradável típico do descolar com força. Começámos a cantar o *Grândola, vila morena* enquanto marchávamos no solo conspurcado e aquilo fazia um *prrrrshr... prrrrshr...*

No poster de publicidade produzido com elegância e bom design pelo amigo da banda João Gralha, no qual constavam os nomes das bandas *Morte Forte* (de Cascais), com o guitarrista e futuro ensaísta Afonso Cortez, e os *The Great Lesbian Show*, algum calhorda escreveu com caneta de feltro *Sick Souls*. Logo ficámos a saber que *Sick Souls* era uma banda local e cujos elementos eram amigos do vocalista dos *Morte Forte*. Esta banda foi metida a martelo no cardápio da noite de *Halloween*. O problema não é haver mais uma banda, o problema é não se avisar atempadamente as outras pessoas, nem consultar ninguém. Três meses antes ficara combinado que nesta noite só haveria duas bandas.

O bar é minúsculo, sem condições para tocar ou fazer aquecimento antes de se ir para o palco. Palco?! Esta é boa. Aquilo é um estrado pequenito e alto, perigoso, onde mal cabem três pessoas. Ora bem. Em média, cada banda tem cinco elementos, mais bateria, mais amplificadores e fios e cangalhadas. Agora imagine-se isto tudo num palco demasiado pequeno.

³ Pertenceu à associação cultural *O Grito*, na Caixa Económica Operária de Lisboa.

Também não há um camarim ou sala para deixarmos os nossos pertences e vestir roupas mais vistosas. Não houve outro remédio a não ser deixar tudo a monte na cozinha do bar que cheirava a leite azedo. O bar *Lotus* foi um dos piores sítios onde tocámos. Quanto ao tipo que fez o som das bandas durante o *sound check* tinha tanta sensibilidade para aquilo como um trolha tem para pintar aquarelas.

22h00 – Jantar num restaurante chinês, em Cascais. A televisão vomita *Eurosport*, um grupo de adolescentes que por aqui está relincha furiosamente e, de quando a quando, canta os parabéns. A dona, uma senhora chinesa, anda meio atarantada por ali. O meu *chop suey* de lulas tresanda a petróleo queimado pelo que é imediatamente batizado de “Prestige” em homenagem ao petroleiro enalhado. O Luís Futre é agraciado com uma travessa de bambu carbonizado e camarões esqueléticos. No fim do “jantar”, a dona chinesa abeirou-se de nós e perguntou se estava tudo bem. Fui a única a dizer um altissonante “NÃO!”

Este jantar de péssima qualidade, às expensas de cada um, teve consequências tramadas: o Miguel Ângelo (da banda *Delfins*) passou o resto da noite a *Águas das Pedras*, assim como o Futre. Eu e o César sentimo-nos agoniados, e, regra geral, os músicos tinham os rostos amarelados.

23h30 – Bar *Lótus*. Muitos amigos e conhecidos por aqui. A Elsa Garcia (diretora da revista *Umbigo*) teima em fotografar-nos dentro da fedorenta cozinha para logo de seguida escolher o WC masculino como local de momices fotográficas. Nesse WC enfiou a peruca de 25cm de altura (o penteado da noiva do monstro de *Frankenstein*) e colocou um colar com caveiras e ossos de plástico. Entra o Rafael Dionísio (escritor) no WC, olha para mim e desata a rir que nem um perdido, com um olhar húmido de cabra gulosa. Ele é um brincalhão de primeira apanha...

Na assistência encontram-se o Marcos Farrajota (mentor da editora *Chili Com Carne*), o Vítor Rapaz, a Dora, o Pedro Antunes, a Marta (futura esposa de António Manzanra), o meu mano Bruno José e muito mais rapaziada divertida. Estão tão animados que conseguem dançar naquele espaço exíguo e colante.

24h40 – Os *Morte Forte*, um bocado influenciados pelos noruegueses *Turbo Negro*, acabam de tocar. Somos nós a ir para a ribalta. Mal nos conseguimos mexer e, como tanto eu como o César gostamos de dançar, mas

o pavor de cair do “palco” é tanto que o nosso espetáculo não funciona lá muito bem.

No palco estão lápides de esferovite feitas por mim e pelo César: “R.I.P. Albert John Garden”, “R.I.P. Paul Doors” e “R.I.P. Little Grape Félix”⁴. A alta peruca resvala ameaçadoramente, o César imita um *zombie* a caminhar, o António tem problemas com a guitarra e o amplificador, o Nuno está muito cool e o Sérgio vê-se aflito para tocar bateria num espaço de um metro e pouco. Optei por mastigar uma lápide, cuspidando esferovite de seguida.

Nota: O DJ da noite foi Luís Futre. Eclético como ele é passou música de grandes bandas – qualidade e quantidade – desde *X-Ray Spex*, *Iggy Pop and the Stooges*, *Dead Kennedys*, *Rapture... and so on*. Uns fedelhos idiotas foram ter com ele, muito irados, a exigirem *Iron Maiden*. Dá Deus nozes a quem não tem dentes.

BAR MATRIX, RIO MAIOR

20 de junho de 2003

Diário De-bord dos Lesbian – Ver para crer

19h45 – Em amena vilegiatura na esplanada do bar *Matrix*. Nos pratos, cascas vazias de caracóis e nos copos, restos de cerveja morta de sono. Estão presentes perto de nós alguns dos amigos: João Gralha aka *Gee-na Ginseng*, Ana Farinha aka *Corinne Dumas Filha e Doutras Pai*, Rui Medalha, ex-membro de UFO, *Hélio el niño* de Viseu, e Luís Futre, DJ e editor *MilkShake*.

Dentro do bar, o António e o Nuno fazem o *sound check* das guitarras. A seguir somos nós. O Sérgio ainda não chegou. Estamos a ficar apreensivos.

20h00 – Restaurante *A Raposa*. O Luís Futre conversa com o César sobre a versão do tema dos *The Cramps*, *Goo Goo Muck*, feita por *Kid Congo Powers*, sobre a banda feminina *Chicks on Speed* e conta o anedótico evento ocorrido em Lisboa, no *Lux*, em que Gonzalez cavalgou literalmente um amigo nosso.

O pessoal está esfaimado e mergulha no presunto e no queijo. Chegam mais “peregrinos” ao restaurante que vieram de longe, de muito longe, para verem e ouvirem os *Lesbian*. O Nuno faz as apresentações. O Sérgio não aparece.

23h10 – O João Gralha e a Ana Farinha trocam co-

4 Tentem traduzir para português e terão uma surpresa.

PORTUGAL ALTERNATIVO

FESTIVAL TOCABRIR

Os grupos SG's, Canal Caveira e The Great Lesbian Show encerraram na sexta-feira o Festival Tocabrir, organizado pela Câmara Municipal de Lisboa e que se desenrolou durante toda a semana na, por vezes, exígua sala do Johnny Guitar.

Antes e ainda durante a noite de encerramento passaram pelo conhecido clube de Santos mais de trinta bandas, todas elas em busca de um lugar ao sol, visível na ingenuidade e garra que punham nas suas actuações. De uma maneira geral, os grupos que se apresentaram distinguiam-se por optarem por um modelo a que os americanos chamam de «alternativo», ou seja, rock raivoso com laivos de funk-metal, rap ou hardrock/heavy-metal, normalmente praticado por jovens de longas cabeleiras. A originalidade não seria o valor mais procurado, mas de entre os grupos cuja actuação presenciámos são de destacar os Volume, Another CoW ou De La UAL, quaisquer deles com objectivos bem definidos para bandas praticamente estreates.

Por seu lado, na noite de encerramento sobressaíram os The Great Lesbian Show, que continuam a apurar um caminho nitidamente traçado à margem, mas onde se podem detectar alguns laivos de B-52's e Sugarcubes (talvez por causa de possuírem dois vocalistas) ou dos portugas Pop dell'Arte. O concerto era dedicado à «encefalopatia espongiiforme», vulgo doença das vacas loucas e no fim do alinhamento continuou a destacar-se o tema «Arapahoe». Por sua vez, os Canal Caveira não deixaram de constituir uma agradável surpresa. Não pelo facto de o vocalista masculino ter inscrito no peito uma declaração amorosa («I Lov Kiki Espírito Santo») mas por terem encerrado a sua actuação com uma versão de «Misirlou», o clássico de Dick Dale.



BLITZ 27/4/1996

M.F.C.

Figura 9: The Great Lesbian Show. Johnny Guitar – 1996. Notícia no jornal Blitz. Coleção de Ondina Pires

rações de manteiga d'alho e eu vou escrevinhando. O Hélio aquiesce que a cabra quer alho. O César disserta sobre o *Johnny Rotten*. A Ana tem uma crise de soluços – é uma fiteira de primeira.

23h30 – Já se come a sério. O nosso “lone ranger” Sérgio continua desaparecido em combate. O Luís Futre e o Hélio tomam-se de razões opostas acerca dos *Motörhead* enquanto o César, muito matreiro, ri-se baixinho e mastiga batatinhas fritas sussurrando: – ... os *Scorpions* ... não se esqueçam... Do outro lado da mesa a Ana faz o seu número hilariante dos dentes podres (a técnica é espalhar mousse de chocolate nos dentes da frente e sorrir).

24h10 – Bar *Matrix*. Além dos *Lesbian*, toca uma banda chamada *Ventilan*. Será melhor dizer que não é uma banda, mas sim um grupo muito patusco de *performers*. No palco vociferam, grunhem, tocam cornetas e guitarra. Nos bastidores, numa sala grande atafalhada de mercearias e tralhas diversas, o César e eu fazemos ginástica sueca. O Sérgio aparece muito esbaforido. Vem do trabalho e com mais esta viagem marada só pode estar muito cansado. É só *glamour*.

1h30 (21 de junho) – Mesmo cheios de sono, no palco, os *Lesbian* espalham a saudável anarquia hedonista-surrealista. Os temas seguem-se uns a seguir aos outros e terminamos com um leilão de beneficência aos atores e atrizes porno, apregoando *soutiens* e cuecas marotas (tudo comprado numa feira). O Pedro Antunes (amigo do Nuno Maltês) pega num dos *soutiens* e veste-o, pavoneando-se pelo recinto.

Quando já estava tudo despachado, um grupo de três rapazes de Rio Maior, que se topava que não tinha gostado do nosso repertório e que não tinha percebido pevas do nosso imaginário, vem ter comigo. Um dos rapazes, com tom irritado, quase agressivo, pergunta-me:

– Então e os *Ramones*? Não tocam nada dos *Ramones*? Ao que eu respondi com um falso tom de comiseração, ao mesmo tempo que caminhava dali para fora:

– Os *Ramones* morreram!

E levanta-se um padeiro às quatro da manhã para cozer pão para esta gente. *Pfff...*

Nota informativa e de tributo a todos os músicos que constituíram os *The Great Lesbian Show*. Bem hajam pela alegria que proporcionaram aos nossos fãs, amigos e ilustres desconhecidos!

Primeira formação: César “Zembla”, Armando Emídio, Ondina Pires, Carlos Ferreira ou “Calinho” e Rui Ribeiro (de 1991 a 1996).

Segunda formação: César “Zembla”, Armando Emídio, Ondina Pires, Carlos Ferreira ou “Calinho” e Helder Z (de 1996 a 1997 circa).

Terceira formação: César “Zembla”, Armando Emídio, Ondina Pires, Nuno “Maltês” e Sérgio Lemos aka *Lourenço Marques* (de 1997 circa até 2001)

Quarta e última formação: César “Zembla”, António Manzarra, Ondina Pires, Nuno “Maltês” e Sérgio Lemos aka *Lourenço Marques* (de 2002 até circa 2008)

Agradecimento também aos amigos e conhecidos que ajudaram a banda de forma direta: João Gralha, *designer* da capa do primeiro CD da banda, *Psykitsch Kaleidoscope*, e de vários *flyers* publicitários, Ana Farinha, Nuno Tudela, Jorge Ferraz, o pessoal da editora *Zoundz Sabotage* e Lara Peralta. A salientar o trabalho gráfico de Sérgio Lemos na capa do segundo CD *You're not Human Tonight*, *flyers* publicitários e *vídeo-clip Arapahoe remix*.



Figura 1: *Actvs Tragicvs* – Porto 1986. Coleção de Pedro Temporão



Figura 2: *Actvs Tragicvs*. Ginjal, Cacilhas durante as imagens do Vídeo Factum – Pop-Off, Latina Europa. Coleção de Pedro Temporão